

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
ESCOLA SUPERIOR DE ARTES E TURISMO  
CURSO DE LICENCIATURA EM DANÇA**

**DANÇA, ESCOLA E SEXUALIDADE: Uma perspectiva de jovens do Ensino  
Médio em busca do (re) conhecimento e autoafirmação.**

**MANAUS**

**2018**

FRAN WALAFE DOS SANTOS MARTINS

DANÇA, ESCOLA E SEXUALIDADE: DANÇA, ESCOLA E SEXUALIDADE: Uma perspectiva de jovens do ensino médio em busca do (re) conhecimento e autoafirmação

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, como nota final para obtenção do título de Licenciatura, sob a orientação da professora Dra. Jeanne Chaves de Abreu.

**MANAUS**

**2018**

FRAN WALAFE DOS SANTOS MARTINS

DANÇA, ESCOLA E SEXUALIDADE: Uma perspectiva de jovens do ensino médio em busca do (re) conhecimento e autoafirmação

Trabalho de Conclusão de Curso submetido a Banca Examinadora do Curso de Licenciatura em Dança da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas, como nota final para obtenção do título de Licenciatura em Dança.

Área de concentração:

Data da defesa: 04/12/2018

Nota: 9,9 / Nove virgula nove.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profa. Dra. Jeanne Chaves de Abreu (Orientadora)**  
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

---

**Profa. Dra. Vilma Maria Gomes Peixoto Mourão – UEA (Membro)**  
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

---

**Prof. Dra\*. Amanda da Silva Pinto - UEA (Membro)**  
Universidade do Estado do Amazonas - UEA

MANAUS

2018

Dedico este trabalho ao meu eterno amigo  
Kevin Monteiro Alves, por sempre ter me dado  
suporte para que eu seguisse meus sonhos.

## **AGRADECIMENTO**

Á Minha família que mesmo não entendendo meu amor pela dança e a minha dedicação em ensiná-la, estiveram do meu lado.

Á minha maravilhosa mãe de sangue Raimunda, que sempre com muito carinho e amor abriu mão de muitas coisas por seus filhos.

Ás minhas mães do coração: Marcia Regina, Maria do Socorro Chaparro, Maria do Socorro Batista e Tiana Anjos.

Aos meus amigos, Airton Ramos, Luciano Gabriel, Maik Rodrigues, Igor Passarinho, Vanderley Oliveira, João Marcos e Nubia Chaparro.

A Toda a militância do movimento LGBT do Amazonas, representadas nas seguintes pessoas: Sebastiana Silva, Denis Pereira, Naty Veiga e Paulo Trindade.

E por último não menos importante a minha maravilhosa orientadora Jeanne Chaves de Abreu, por ser tão doce e dura, quando necessitou ser, pelo carinho e ensinamentos científicos, emocionais e de vida, eu serei eternamente grato!

“O corpo é expressão, é vivo, dinâmico, é movimento”.

Jeanne Chaves de Abreu(2015)

## **RESUMO**

Este trabalho resulta da investigação realizada dentro de uma instituição de ensino médio da rede pública da zona leste de Manaus e teve por objetivo investigar a partir das aulas de dança na disciplina de Artes, como os alunos do Ensino Médio percebem o processo de (re)conhecimento e autoafirmação da sua sexualidade, considerando o contexto histórico cultural. A fenomenologia foi nossa ancora metodológica, onde através da pesquisa qualitativa, descritiva e de campo, atingimos nossos objetivos propostos. Os sujeitos do estudo foram alunos da disciplina de ensino das Artes, no 1º ano do Ensino Médio. Dessa forma, nossos resultados mostram que o ensino formal da dança na escola influencia no (re)conhecimento da sexualidade, entretanto, foi possível detectar que quando fala-se de auto afirmação da sexualidade esta investigação aponta para o sentido que não, pois, de acordo com os sujeitos jovens de 18 a 20 anos participantes do estudo, estes afirmaram categoricamente que essa autonomia da sexualidade chegou antes da entrada dos mesmo no grau de ensino em questão. Pensamos que nossos jovens estão amadurecendo mais precocemente, necessitamos, pois, de mais estudos que venham contribuir para as questões de gênero e sexualidade na Escola.

**Palavras-chave:** Dança, Sexualidade, Ensino das Artes, Corpo, Escola.

## **ABSTRACT**

This work is the result of research carried out within an educational institution of the public network of the East zone of Manaus and aimed to investigate from dance classes in the arts discipline, as the high school students understand the process of (re) knowledge and the statement your sexuality, considering the historical cultural context. The phenomenology was our anchor where methodological through qualitative research, descriptive and, we achieved our goals. The study subjects were students of arts education in the first year of high school. Thus, our results show that the formal teaching of dance in school influences on (re) knowledge of sexuality, however, it was possible to detect that when there is talk of self-affirmation of sexuality this research points to the sense that no, because, according to the subjects young people of 18 to 20 years of the study, these participants stated categorically that this autonomy of sexuality came before the entry of the same teaching degree. We believe that our young people are growing up more early, need for more studies that may contribute to the issues of gender and sexuality in school.

Keywords: Dance, Sexuality, Arts Education, Body, School.

## **SUMÁRIO**



<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. CAPÍTULO I - CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE.....</b>	<b>12</b>
1.1 O desenvolvimento sócio histórico do corpo e a construção do gênero.....	12
1.2 Sexo e o gênero.....	14
1.3 O controle e disciplina do corpo.....	19
<b>2. CAPÍTULO II – TRAJETÓRIAS DE VIDAS DE JOVENS MARCADAS PELO NORMATIZAÇÃO DE GÊNERO NA ESCOLA.....</b>	<b>22</b>
2.1 Dança e sexualidade no ambiente escolar.....	22
2.2 Auto afirmação da sexualidade na dança.....	29
<b>3. METODOLOGIA.....</b>	<b>38</b>
3.1 Sujeitos e Lócus da Pesquisa.....	40
<b>4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>42</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>47</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
<b>7. ANEXOS .....</b>	<b>52</b>

## INTRODUÇÃO

Ao adentrar no ambiente escolar por meio do estágio supervisionado, me deparei com diversas situações inusitadas referentes a hierarquização, poder, marginalização, entre outras situações corriqueiras e diárias do ambiente escolar.

No ano de 2009 comecei a acompanhar o movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais do Amazonas, mais especificamente momento em que estava em atividades dentro do movimento estudantil. Muitas foram às situações vividas e vivenciadas nesses dois ambientes e que em vários momentos se cruzaram, como: a grande evasão de pessoas travestis e transexuais da escola devido preconceitos e discriminação sofrido pelas mesmas.

Outro assunto pertinente é o envolvimento da turma nas aulas de dança em especial os meninos, que por algum motivo se sentem desconfortáveis com as aulas de dança na escola, momento esse que fere o ego, ou que chega a fragilizar a sexualidade construída historicamente como única e imutáveis perpetuadas tradicionalmente, ou seja, a heterossexual.

Em meio a esse entendimento os questionamentos que me propuseram a enveredar por essa temática devem ser tratados de forma singela para que a partir deste estudo não se militarizar as questões aqui como únicas e imutáveis, principalmente por estamos falando de diversas possibilidades de identidades de gênero e sexualidades, assim com as diversas possibilidades de se fazer dança na escola, no entendimento de dança como uma linguagem subjetiva do corpo. Nosso estudo procurou problematizar quais os fatores que são empregados no processo de aprendizagem da dança que interferem na auto afirmação da sexualidade e identidade de gênero, tendo como objetivo principal, investigar a partir das aulas de dança como os alunos do ensino médio percebem o processo de (re)conhecimento e autoafirmação da sua sexualidade, considerando o contexto histórico cultural, verificando como os processos históricos de construção dos conceitos ligados a sexualidade contribuem para a discriminação do gênero na dança, tentando perceber como é vivenciada a sexualidade dos alunos nas aulas de dança.

A construção desta pesquisa atingiu diretamente a prática docente em Artes, assim como as práticas de relação social igualitária, sem distinção de raça, gênero, orientação sexual e crença. Foi entendido nesta investigação que quando se fala sobre sexualidade, não temos como fugir de outras relações de poder e hierarquias que estão ligados ao ambiente escolar, como as questões étnicas, sociais e os estudos de gêneros. Logo, isso

se configura em discursos pertinentes deste século e que está implicitamente ligado ao ato de ensinar e aprender, portanto este trabalho se fez importante na medida em que o mesmo buscou dialogar sobre as relações sociais ligados a sexualidade no ambiente escolar por meio da prática da dança, fazendo com que os educandos pudessem ter um olhar crítico, reflexivo e sensível nestes diálogos que podem se materializar em boas relações de convivência e respeito às diversidades na escola.

No primeiro capítulo abordamos os conceitos ligado ao gênero, sexo e sexualidade, em relação com o disciplinamento do gênero, assim como o ensino da dança. Já no segundo abordaremos o ensino formal da dança, o conhecimento do próprio corpo, o reconhecimento e a autoafirmação da sexualidade.

## **1. CAPÍTULO I – CONTEXTO SÓCIO HISTÓRICO E CULTURAL DE CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE.**

### **1.1 O desenvolvimento sócio histórico do corpo e a construção do gênero.**

“Pensar os corpos diferentes me parece parte da luta conceitual da filosofia que o feminismo abraça, o que pode estar relacionado também a questões de sobrevivência. A abjeção de certo tipos de corpos, sua inaceitabilidade por códigos de inteligibilidade, manifesta-se em política, e viver com um tal corpo no mundo é viver nas regiões sombrias da antologia”. (BUTHLER, 2002).

Quando se fala em estudos relacionados ao corpo cada área do conhecimento vai conceituar o corpo da forma a qual convém aos seus estudos. Para o entendimento da proposta desta pesquisa, faz-se necessário compreender a construção de conceitos ligados ao gênero e sexualidade, assim como o entendimento destes no decorrer da história da sociedade.

A linha do presente discurso está embasada a partir dos aspectos ligados ao processo de desenvolvimento do ser a partir do entendimento de corpo e gênero ligados ao campo da sociologia e da antropologia, tendo em vista que muitas teorias vêm sendo criadas com ênfase nas questões biológicas, o qual não é o viés elencado para esta pesquisa. Daólio (1995, p. 36/37), ao abordar o assunto corpo sugere que,

Ao se pensar em corpo, pode-se incorrer no erro de encará-lo como puramente biológico, um patrimônio universal sobre o qual a cultura escreveria histórias diferentes. Afinal, homens de nacionalidades diferentes apresentam semelhanças físicas. Entretanto, para além das semelhanças ou diferenças físicas, existe um conjunto de significados que cada sociedade escreve nos corpos dos seus membros ao longo do tempo, significados estes que definem o que é corpo de maneiras variadas (DAOLIO, 1995, p 36-37).

Compreendemos que a cultura e o ser, estão em constante processo de desenvolvimento. Para Daolio (1995, p.24) “o conhecimento antropológico da nossa cultura passa, inevitavelmente, pelo conhecimento das outras culturas, reconhecendo que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única”. O que geralmente o ser humano engendra e o qual acredita é que somos únicos e imutáveis, porém, Daólio (1995, p.24), afirma que, “somos uma das diversas possibilidades de relação social”. Esse fato foi estabelecido na transição da Idade Média para o período renascentista quando o

homem passou a ser o centro da relação social e não mais a divindade. O corpo vem sendo estudado de diversas formas e cada ciência irá conceituá-lo da melhor forma para o entendimento de seus estudos.

Daolio (1995, p.42) relata que em uma pesquisa sobre a tribo Samo, na qual o corpo é concebido como dividido em nove componentes: o sangue, a carne, a sombra, o duplo etc. Cada componente do corpo é transmitido à medida que o feto vai se constituindo.

Mas afinal o que é o corpo? Uma pesquisa rápida em um no site “O conceito” sobre a palavra “corpo”: Estrutura física de um organismo vivo (esp. o homem e o animal), englobando suas funções fisiológicas; na configuração da espécie humana, o conjunto formado por cabeça, tronco e membros; tronco, parte central da estrutura anatômica de um homem ou de um animal; materialidade do ser; carne.

Em um outro site encontra-se a seguinte definição – O corpo é a máquina perfeita!, O corpo uma máquina perfeita quando não trata-lo de forma dicotômica, pois em muitos estudos encontra-se o corpo-mente, não entendidos como uma unidade.

Indica que o corpo está intimamente ligado entre processos históricos e biológicos, mas que somos corpos políticos ligados às relações. Este investimento político do corpo está ligado, segundo relações complexas e recíprocas, à sua utilização econômica (FOUCAULT, 2012, p 28).

Segundo Meyer & Soares (2000, p. 5) “estudar o corpo é compreender o momento histórico o qual este corpo está inserido, relacionando sonhos e receios de cada época, cultura e grupo social”.

Em nossa investigação buscamos autores que investiram na pesquisa do corpo e que através de suas investigações nos abriram portas para o entendimento do assunto. Assim, Abreu (2015, p. 14) diz que “o corpo é contudo sujeito de transformações nem sempre desejáveis e previsíveis, ao longo dos anos mudam suas formas, seu peso, seu funcionamento e seus ritmos”. Entendemos que o corpo pode ser o resultado das modificações do meio externo, como a religião, as leis, as regras sociais entre outros. No corpo, segundo Daolio (1995, p. 39) “estão inseridas todas as regras, todas as armas, e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”. Não devemos esquecer inclusive que,

Nosso tempo, é também, um tempo em que importantes segmentos econômicos se sustentam fabricando e vendendo representações de determinados corpos, [...] Essas e muitas outras instâncias têm se estruturado a partir da decomposição, da interferência e da recomposição do corpo humano, formatando sua aparência, reconstruindo suas falhas, redefinindo ou potencializando suas funções e prolongado sua existência (MEYER e SOARES, 2008, p. 06).

Com relação a cultura, esta pode se manifestar de diversas formas e é passado assim como modificada com o tempo. O corpo é expressão da cultura, portanto cada cultura vai se expressar por meio de diferentes corpos, porque se expressa diretamente como cultura. (DAOLIO, 1995, p. 39). O autor continua esclarecendo que “mesmo antes de a criança andar ou falar, ela já traz no corpo alguns comportamentos sociais, como o sorrir para determinadas brincadeiras, a forma de dormir, a necessidade de um certo tempo de sono, e a postura no colo. A cultura está incutida em cada um dos corpos e aonde quer que esse corpo transite, ele vai carregar sua cultura”. Esse mesmo corpo, pode sofrer influências de outras culturas, o que chamamos de aculturação.

## **1.2 O sexo e o gênero**

Algumas pesquisas modernas apresentam os conceitos de gênero, sexo e identidade de gênero, porém para esta pesquisa iremos elucidar cada um. Primeiramente devemos entender que sexo são as características biológicas do indivíduo. Ser masculino ou feminino, homem ou mulher, é uma questão de gênero.

Sexo é biológico, gênero é social, construído pelas diferentes culturas. “Gênero vai além do sexo: O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a auto percepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente (JESUS, 2012, p. 09).

Abreu (2015, p. 21) “indica que, sexo refere-se às características específicas dos aparelhos reprodutores feminino e masculino,” onde empregamos o pênis ao gênero masculino e a vagina ao gênero feminino, como parte integrada da unidade corpo.

O estudo do corpo sofreu inúmeros ataques principalmente ligados a questões morais e religiosas, quanto a santidade do corpo ou ainda a perpetuação da espécie. Abreu

(2015, p.21) expressa que “gênero é a forma como se manifesta socialmente e culturalmente a identidade dos indivíduos homem e mulher”. A partir das diferenciações biológicas empregadas ao gênero feminino e ao masculino, somos ensinados pela cultura a ser homem e a ser mulher, nas múltiplas organizações sociais como a família, escola e igreja. Nesse contexto, Daolio (1995, p. 36) explicita que,

Ser homem não é ser qualquer homem, mas uma espécie particular de homem, é possível discutir o corpo como uma construção cultural, já que cada sociedade se expressa diferentemente por meio de corpos diferentes. Todo homem, mesmo inconsciente desse processo, é portador de especificidades culturais no seu corpo. Tornar-se humano é tornar-se individual, individualidade esta que se concretiza no e por meio do corpo (DAOLIO, 1995, pg 36).

Os indivíduos tendem a se organizar socialmente, atendendo-se às necessidades do momento. Existindo diversos sistemas de organização comandada pelas relações de gênero, onde dois serão apresentados especialmente; o matriarcado e o patriarcado.

Não é de hoje que vivemos inúmeros cerceamento dos corpos, desde a criação dos regimes de gênero tendo como principal o matriarcado e o patriarcado. Segundo Abreu (2015, p.23) “o matriarcado foi bem demarcado nas sociedades primitivas, fazendo a figura da mulher ser o centro daquele grupo social”. Para a mesma autora, “o patriarcado é o sistema dominante desde o princípio do homem na terra, em todas as épocas este sistema esteve em dominância, sendo identificadas pouquíssimas sociedades matriarcais”. Desde tempos antigos que os signos ligados ao feminino são negados em várias sociedades, as relações de poder do masculino sobre o feminino são encontradas de forma que o homem coloca a mulher como incapaz e em menoridade com relação aos homens.

Concordamos com Abreu (2015, p. 23) ao pontuar que “as relações de gênero nascem junto com o homem, e com ele o patriarcado está em ligação contínua, desde tempos imemoráveis foram detectadas raríssimas sociedades consideradas matriarcais”. Abreu (2015) esclarece num caminhar histórico o caminhar das mulheres na sociedade.

O matriarcado foi bem demarcado nas sociedades primitivas, os grupos populacionais agrupavam-se em volta das mulheres que são consideradas criadoras do sistema de agricultura. Na era neolítica os homens saíam para caçar e passavam alguns dias para retornar para às aldeias, nesse período de ausência as mulheres ficavam encarregadas das responsabilidades e cuidados

com a família, desempenhavam o principal papel no campo econômico, regiam a estrutura social e exerciam o poder, não havia a relação de união estável e casamento. A gravidez não era associada ao ato sexual acreditava-se que a mulher sozinha criava um novo ser através da reprodução assexuada, ou seja, sem a participação do homem, a gravidez era atribuída à relação entre a mulher e a Deusa Terra Mãe (Abreu, 2015).

Em inúmeros momentos históricos o controle sobre o corpo é percebido, porém pela dominância masculina muitos escritos foram apagados da história. Abreu (2015, p...) diz que “a diferenciação entre gênero e a construção social é uma histórica das desigualdades, onde por muito tempo os homens dominaram a escrita e a ciência ignorando a presença das mulheres”..

Para Abreu (2015, p. 26) “os padrões de gênero começam a se complexar com o advento das civilizações em que começa a existir o sistema de troca”. A mesma expõe que este novo sistema econômico assim como a expansão do mesmo, juntamente com as religiões fortificavam o patriarcado, onde os casamentos passam a ser puramente para fins econômicos e a perpetuação das famílias. A intenção nos escritos masculinos é denegrir a imagem da mulher, fazê-las menores perante a sociedade. No contexto histórico a igreja e a religião judaico cristã auxiliaram na disseminação falsa de que,

As mulheres são consideradas pessoas imperfeitas porque são facilmente manipuladas, não têm consciência de seus atos, sofrem influências de seres espirituais inferiores. Os desejos sexuais e a língua devem ser controlados, pois são veículos de pecados mortais. A igreja vigiava constantemente as mulheres, era frequente os párocos inquirirem-nas em seus confessionários sobre as questões relativas ao comportamento íntimo das mulheres (ABREU, 2015, pg 27).

Com a chegada da Idade Média, Abreu (2015, p 26) assinala que, “com o domínio eclesiástico a situação da mulher muda significativamente porque a igreja começa a exercer uma forte pressão sobre a mulher”. Porém, mesmo que informalmente a pressão se dava também aos maridos, para que vigiassem suas esposas e filhas. De acordo com Araújo (2010, p. 45 apud Abreu, 2015, p. 32) “das leis de Estado e da Igreja, com frequência bastante dura, à vigilância inquieta de pais, irmãos, tio, tutores, e a coerção informal, mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas”.



A intenção de todas as instituições sociais desta época era colocar a figura masculina em ênfase, com poder absoluto, vigor e honrarias. Abreu (2015, p. 29) “alguns historiadores consideram que uma justificativa chave para assegurar existência do patriarcado era garantir, com o máximo de certeza possível, que os filhos da mulher fossem do marido. Em todas as épocas os homens sonham em ter filhos do sexo masculino com o intuito de preservar o nome para a posteridade, pois quando nasce uma filha, ao casar-se ela perdia o sobrenome do pai e adotava o sobrenome do marido, homens acreditam quando nasce um varão existem maiores probabilidades de perpetuação da espécie.

A partir da etimologia que o masculino se refere a tudo que está relacionado ou seja próprio ao indivíduo macho [...] A masculinidade é conhecida também como sinônimo de virilidade e o indivíduo para ser reconhecido como homem deve possuir características que se supõe serem adversas das características ditas femininas. Sob a perspectiva do patriarcado as características masculinas e femininas são binárias ou dicotômicas o que implica em relações preconceituosas para com as mulheres (ABREU, 2015, p 37)

A desigualdade entre os gêneros tende a crescer com a conquista das mulheres ao trabalho fora do lar, como cita (ABREU, 2015 p 30), assim como o seu trabalho deveria ser meramente dentro do lar a creditando que o lugar da mulher era na casa, argumentando novamente em sua anatomia. Dentro disso Buther (1998) “o sujeito é constituído mediante uma exclusão e diferenciação, talvez uma repressão, que é posteriormente escondida, encoberta, pelo efeito da autonomia. Nesse sentido, a autonomia é a consequência lógica de uma dependência negada, o que significa dizer que o sujeito autônomo pode manter a ilusão de sua autonomia desde que encubra o rompimento que a constitui. Essa dependência e esse rompimento já são relações sociais, aquelas que precedem e condicionam a formação do sujeito. Em consequência, não se trata de uma relação em que o sujeito encontra a si mesmo, como uma das relações que formam sua situação. O sujeito é construído mediante atos de diferenciação que o distinguem de seu exterior constitutivo, um domínio de alteridade degradada associada convencionalmente ao feminino, mas não exclusivamente”.

Logo, para as mulheres chegarem nesse ponto político e social, as mesmas tiveram que se reconhecer como sujeito de autonomia, porém lutar contra esse sistema requer cuidado e discernimento de um coletivo empenhado para tal tarefa.

A figura paterna era temida tanto por filhos quanto por filhas, porém esse temor diminuía gradativamente para os meninos e aumentava para as meninas com a chegada da adolescência. No despertar da juventude as meninas passavam a ser olhadas e cobiçadas como mulheres, Quando as transformações corporais femininas acontecem a mulher passa a ser o foco e objeto dos desejos para o homem (ABREU 2015, p 34)

Para Daolio (1995, p 37) “o controle do uso do corpo aparece, portanto, como necessário ao surgimento da cultura. A cultura nada mais faz do que ordenar o universo por meio da organização de regras sobre a natureza. O controle da sexualidade coloca o corpo como sede da ordenação primeira da cultura sobre a natureza. O seu controle torna-se necessário para o surgimento do universo da cultura como condição de humanidade. “ Assim como se dá os tabus para varia possibilidades de utilização do como, ditas como não naturais.

Relata que os principais elementos do patriarcado são: o controle da fidelidade feminina, a conservação da ordem hierárquica com a autoridade do masculino sobre o feminino, bem como dos mais velhos sobre os mais novos; e a manutenção dos papéis sociais; o homem assume a responsabilidade da provisão material e a mulher é voltada para os afetos, e maternidade e os cuidados do lar (ABREU, 2015, p 25).

Logo, voltamos a ideia do de sexo, assim como diz Almeida;

A noção de diferença sexual foi entendida em termos de conceitos biológicos essencializantes que atrelavam essa diferença às funções e capacidades biológicas dos indivíduos. Dentro dessa lógica perversa, os homens, por sua constituição e força física, estariam em posição de superioridade, atuando, assim, como provedores únicos da família e como agentes na esfera pública. As mulheres, por outro lado, por sua formação materna e suposta fragilidade física, estariam relegadas ao espaço privado, exercendo atividades estritamente ligados ao plano doméstico, como o cuidado o cuidado da casa e dos filhos. Nesse contexto, o conceito de gênero estará automaticamente ligado ao de sexo como categoria única que determinava os papéis sexuais dos indivíduos, reforçando, por conseguinte, a convicção na inferioridade feminina vis-à-vis à superioridade masculina (ALMEIDA, 2002, p 90).

Compreendo que por muito tempo o gênero feminino vem sendo explorado em diversos eixos como; política, religião, economia etc. Assim, o patriarcado vem se transformando com ao decorrer dos sistemas sociais com a mesma matriz opressora ao feminino. Foucault (2012, p 133) diz que “é dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado, e complementa, o corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadrinha, o desarticula e o recompõe.

Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica do poder”, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina.

### 1.3 O controle e disciplina do corpo

A disciplina modalidade essa que implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrija ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos. Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação. (FOUCAULT, 2011, p 140).

Daolio (1995, p 37) “complementa dizendo que esse controle não se dá apenas por meio da imposição de regras sobre os instintos naturais, mas também por meio da construção da própria noção de corpo e de natureza”.

Foucault (2011, p 164) diz que “o momento histórico das disciplinas é o momento em que nasce uma arte do corpo humano, que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente”

O homem, por meio do seu corpo, vai assimilando e se apropriando dos valores, normas e costumes sociais, num processo de incorporação (a palavra é significativa). diz-se correntemente que um indivíduo incorpora algum novo comportamento ao conjunto de seus atos, ou uma nova palavra ao seu vocabulário ou, ainda um novo conhecimento ao seu repertório cognitivo. Mais do que um aprendizado intelectual, o indivíduo adquire um conteúdo cultural, que se instala no seu corpo, no conjunto de suas expressões. em outros termos, o homem aprende a cultura por meio de seu corpo (DAOLIO, 1995, p 40).

Abreu (2015, p 32) as mulheres sempre estiveram à margem da história, sexualmente elas não existiam, o sexo feminino era somente um receptáculo do sêmen

do homem que era o líquido sagrado da vida. Para Butler (1998) “Desconstruir o sujeito do feminismo não é, portanto, censurar sua utilização, mas, ao contrário, liberar o termo num futuro de múltiplas significações, emancipá-lo das ontologias maternais ou racistas às quais esteve restrito e fazer dele um lugar onde significados não antecipados podem emergir, logo é importante lembrar que os sujeitos se constituem mediante a exclusão, isto é, mediante a criação de um domínio de sujeitos desautorizados, pré-sujeitos, representações de degradação, populações apagadas da vista”

Porém para Daolio (1995, p 44) o homem e a mulher não são somente frutos da sociedade agindo para instituições, o mesmo é e pode modifica-las, através da consciência do entre o nível pessoal e o nível social. Butler (2002, p 159) diz que o corpo por si só é um discurso, que eles habitam os corpos, eles se acomodam em corpos, que na verdade eles carregam o discurso no sangue.

A criação do discurso por si só já é um momento de emancipação do corpo, onde coloca-se algumas indagações perante alguns indicativos de desestabilização da ideia de igualdade.

Foucault (2012) relata que para se atingir a disciplina formasse então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos.

De antemão é necessário a fim de proteger a capacidade de agir do sujeito. Mas afirmar que o sujeito é constituído não é dizer que ele é determinado; ao contrário, o caráter constituído do sujeito é a própria pré-condição de sua capacidade de agir. Afinal, o que permite uma reconfiguração significativa e consciente das relações culturais e políticas senão uma relação que pode ser virada contra si mesma, retrabalhada, resistida? Será que precisamos pressupor teoricamente desde o início um sujeito com capacidade de agir antes que possamos articular os termos de uma tarefa significativa de transformação, social e política, de resistência, de democratização radical? Se não oferecemos de antemão a garantia teórica daquele agente, estamos condenados a desistir da transformação e da prática política significativas? (BUTLER 1998)

Ainda para Foucault (1995) a disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações.

Dentro dos ideais apresentados por Butler (1998) e Foucault (1995), podemos presumir que o questionamento dos regimes ditatoriais, como a autonomia, são processo

de emancipação, que vai de ao embate da disciplina apresentadas por Foucault. Logo para Buthler (1998) “a crítica do sujeito não é uma negação ou repúdio do sujeito, mas um modo de interrogar sua construção como premissa fundamentalista ou dada de antemão”.

## **2. CAPÍTULO II – TRAJETÓRIAS DE VIDAS DE JOVENS MARCADAS PELO NORMATIZAÇÃO DE GÊNERO NA ESCOLA.**

### **2.1 Dança e sexualidade no ambiente escolar**

A dança é um espaço de experimentação, (re)significação um ambiente de diversas possibilidades do eu para o corpo, logo, como afirma Andreoli (2010) “por

utilizar o corpo como parte principal da sua mensagem estética, a dança está muito fortemente implicada nos processos de linguagem que operam na construção cultural do corpo”.

Logo os processos corporais estão ligados à classe, etnia, gênero, sexualidade etc. “O corpo é, portanto, nessa perspectiva, o local de inscrição dos discursos e representações culturais, que posicionam os sujeitos em lugares sociais específicos, por meio da construção de diferentes “marcas” corporais”. (LOURO, 2004)

Como abordado no capítulo anterior, quando se fala em estudos relacionados ao corpo cada área do conhecimento vai conceituar o corpo da melhor forma que convém aos seus estudos, assim, faz-se necessário compreender a construção de conceitos ligados ao gênero e a sexualidade, e como eles estão sendo abordados no ambiente escolar.

A partir da perspectiva dos Estudos Culturais é possível também compreender a dança como uma produção (e um processo) cultural onde se encontram atravessadas lutas políticas em torno dos muitos significados que os diferentes discursos e representações culturais procuram inscrever nos nossos corpos. Nesse sentido, é possível compreender que a dança não está isenta de operar, ao lado de muitas outras práticas de ritualização dos usos cotidianos do corpo, como uma pedagogia cultural de gênero, por meio da qual desigualdades sociais de gênero são reproduzidas, através da configuração de diferentes maneiras de usar o corpo por homens e mulheres (ANDREOLI, 2010, p. 108).

Ainda para o Andreoli (2010), “gênero é o processo pelo qual as diferenças sexuais dos corpos de homens e mulheres são trazidas para dentro das práticas sociais, de forma a adquirirem significados culturais”. Gênero indica, assim, para esses autores, a construção cultural de ideias sobre os comportamentos e as características de homens e mulheres. Logo, pensar gênero como algo social é constituído por representação do feminino e do masculino sendo (re)produzindo (re)significando a representação social.

“Portando gênero estaria ligado a todas as formas de organização social, como a educação, a política a religião etc. Criando assim conceitos normativos sobre ser masculino e ser feminino. Essa perspectiva teórica considera, em suma, que gênero constitui a organização concreta e simbólica de toda a vida social” (Andreoli, 2010, p. 109). Gênero é, por isso, uma “forma primária de dar significado às relações de poder”. (ANDREOLI, 2010, p. 109, apud. SCOTT, 1995, p. 86)

Todavia, como exemplificado no capítulo anterior, gênero é a relação central as relações de poder, podendo legitimar as relações sociais assim como a violência.

O sistema educacional é onde esta relação de gênero é apresentada inicialmente, assim como as formas de combatê-las, mesmo que simbolicamente ou até passivamente pode acontecer. Para Andreoli (2010), “o processo de educação de homens e mulheres implica um processo de ensino e aprendizagem de valores, atitudes de vida e até de posturas corporais distintas para cada sexo”. Assim, há um jeito corporal de ser masculino e um jeito corporal de ser feminino, que nós vivenciamos

Estamos vivendo um momento de quebra de paradigmas construídos em uma sociedade patriarcalista, as discussões engendradas estão nos direcionando para o mundo atual em meio à diversidade de pessoas. Nesse contexto, Abreu (2015) considera que, “Enquanto não aceitarmos as diferenças, enquanto não percebemos que existe a igualdade, e que a igualdade é possível entre homens e mulheres independente da sua orientação sexual viveremos reféns dos preconceitos de toda ordem”

Sabe-se que os problemas relacionados à sexualidade e gênero estão presentes em vários momentos de nossa vida, não tão longe a escola está diretamente ligada às situações corriqueiras da sexualidade. Conforme Junqueira (2013) o cotidiano escolar revela, entre outras coisas, situações e procedimentos pedagógicos e curriculares vinculados a processos sociais relativos à produção de diferenças e distinções sociais, que interferem na formação e na produção social do desempenho escolar. “No cotidiano escolar o currículo se interpelam e se implicam mútua e indissociavelmente, na esteira de uma vasta produção de discursos, enunciados, gestos e ocorrências, em situações em que se (re) constroem saberes, sujeitos, identidades, diferenças, hierarquias.” (CAMARGO; MARIGUELA, 2007).

A escola é o difusor de várias questões relacionadas aos preconceitos, e este se apresenta através da não aceitação do outro, do rechaçar, da rejeição, exclusão entre outros. Junqueira (2013, p. 103) considera que,

A escola brasileira estruturou-se a partir de pressupostos tributários de um conjunto de valores, normas e crenças responsável por reduzir à figura do “outro” (considerado estranho, inferior, pecador, doente, pervertido, criminoso ou contagioso) quem não se sintoniza com os arsenais cujas referências eram (e são) centradas no adulto, masculino, branco, heterossexual, burguês e “saudável”. A escola tornou-se um espaço onde o “currículo em ação”<sup>2</sup> faz rotineiramente circular preconceitos que colocam em movimento discriminações e outras formas de gestão das fronteiras da normalidade. (JUNQUEIRA, 2013, p 103)

Por longos períodos o sistema patriarcal, branco e burguês pretendeu esconder as outras formas de expressão da sexualidade, assim como a orientação sexual dos indivíduos com intuito de poder e hierarquização, Segundo Vanrell e Alcântara (2012), “o termo “orientação sexual” determina vários significados diferentes e, segundo aqueles que possuem uma visão positiva sobre o termo, existem três orientações sexuais, todas as três, normais, naturais e fixas em adultos: o heterossexual - indivíduo que se sente sexualmente atraído pelo sexo oposto; o homossexual - indivíduo que se sente sexualmente atraído pelo mesmo sexo; e o bissexual - indivíduo que sente atraído por pessoas de ambos os sexos, não necessariamente do mesmo grau e intensidade.”

“As disposições heteronormativas se voltam a naturalizar, impor, sancionar e legitimar uma única sequência sexo-gênero-sexualidade: a centrada na heterossexualidade e rigorosamente regulada pelas normas de gênero, as quais, fundamentadas na ideologia do “dimorfismo sexual”, agem como estruturadoras de relações sociais e produtoras de subjetividades” (BUTLER, 2003, p. 179).

“Não distante as escolas buscam reproduzir e representar os regimes e sistemas sócios histórico da heteronormatividade hegemônica, dentro do processo educacional. A escola é um espaço obstinado na produção, reprodução e atualização dos parâmetros da heteronormatividade – um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão” (WARNER, 1993).

Desde o final do Séc XX a dança é associada a falta de masculinidade, na sociedade brasileira essa associação é ainda mais presente, Andreoli (2010) “diz que o interesse de sustentar um modelo hegemônico de masculinidade e também de sexualidade, o modelo heterossexual masculino, que a sexualidade, na dança, é elemento de hierarquização e regulação de gênero.” A partir daí, surge a noção de que homens que se aproximam da dança não são totalmente homens.

Essa noção é percebida principalmente quando relacionado ao balé clássico e as danças que se aproximam dele como o jazz, dança moderna e contemporânea, ao contrário das danças populares, as danças urbanas e as danças de salão. Nanni (2002) “apresenta o movimento como universal, questionando as barreiras que aparecem em função do sexo. Coloca também que a sensibilidade em criar, bastante presente neste universo, seja o



conceito errôneo determinado pela sociedade como o correspondente das atribuições femininas”.

Andreoli (2010) “embora seja aceito que o homem dance esse estilo de dança, ele deve fazê-lo reafirmando determinados atributos considerados próprios do “verdadeiro” masculino: força, destreza, coragem, etc. Assim, as músicas, as roupas, os movimentos coreográficos, as acrobacias e as cores devem sempre reafirmar, produzir e manter a masculinidade verdadeiramente hegemônica, o que articula esse tipo de dança também à homofobia”.

“ Heterossexismo e homofobia instauram um regime de controle e vigilância não só da conduta sexual, mas também das expressões e das identidades de gênero, como também das identidades raciais. Por isso, podemos afirmar que o heterossexismo e a homofobia são manifestações de sexismo, não raro, associadas a diversos regimes e arsenais normativos, normalizadores e estruturantes de corpos, sujeitos, identidades, hierarquias e instituições, tais como o classismo, o racismo, a xenofobia” (JUNQUEIRA, 2009).

Esse controle e vigilância não é formalizado pelas instituições sociais, mas acontecem corriqueiramente, onde os indivíduos ditos “desviantes” São obrigados cotidianamente a tentar se encaixar nas normais e padrões heterossexuais.

Ainda segundo Junqueira (2013) “o termo homofobia tem sido comumente empregado em referência a um conjunto de emoções negativas (aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a “homossexuais”.

“O conceito de gênero como culturalmente construído, distinto do de sexo, como naturalmente adquirido, formaram o par sobre o qual as teorias feministas inicialmente se basearam para defender perspectivas “desnaturalizadas” sob as quais se dava, no senso comum, a associação do feminino com fragilidade ou submissão, e que até hoje servem para justificar preconceitos” (BUTLER, 2003).

Tudo leva a crer, num sentido mais geral, que os homens que dançam estão fora da representação de masculinidade hegemônica, e que com isso estejam, de certa forma, transgredindo-a, e que as mulheres estão colocadas em seu devido lugar. Entretanto, simultaneamente, o ato de dançar ainda assim pode ser um espaço de afirmação de masculinidade para os homens, a partir de valores hegemônicos ou de transgressão para as mulheres. Portanto, mesmo que nesse sentido geral se possa dizer que há representações hegemônicas sendo reproduzidas no interior dessas práticas corporais e artísticas, situando

mulheres e homens em seus lugares tradicionais, esses sujeitos configuram diferentes “políticas” (ANDREOLI, 2010, p 114)

O que Butler afirmou foi que, “nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino”

“A heteronormatividade está na ordem das coisas e no cerne das concepções curriculares; e a escola se mostra como instituição fortemente empenhada na reafirmação e na garantia do êxito dos processos de heterossexualização compulsória e de incorporação das normas de gênero, colocando sob vigilância os corpos de todos(as). Histórica e culturalmente transformada em norma, produzida e reiterada, a heterossexualidade hegemônica e obrigatória torna-se o principal sustentáculo da heteronormatividade” (LOURO, 2009).

Para Junqueira (2013) “relacionar a homofobia simplesmente a um conjunto de atitudes individuais em relação a lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais implicaria desconsiderar que as distintas formulações da matriz heterossexual, ao imporem a heterossexualidade como obrigatória, também controlam o gênero. Por isso, parece-me mais adequado entender a homofobia como um fenômeno social relacionado a preconceitos, discriminação e violência contra quaisquer sujeitos, expressões e estilos de vida que indiquem transgressão ou dissintonia em relação às normas de gênero, à matriz heterossexual, à heteronormatividade”.

O indivíduo é formado diuturnamente para assegurar essas normas em todas as instituições sociais, principalmente nas igrejas e escolas.

“Pessoas identificadas como dissonantes ou dissidentes em relação às normas de gênero e à matriz heterossexual são postas sob a mira preferencial de uma pedagogia da sexualidade” (LOURO, 1999) “geralmente traduzida, entre outras coisas, em uma pedagogia do insulto por meio de piadas, ridicularizações, brincadeiras, jogos, apelidos, insinuações, expressões desqualificantes e desumanizantes. Tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais são uma constante na rotina escolar de um sem número de pessoas, desde muito cedo expostas às múltiplas estratégias do poder e a regimes de controle e vigilância” (JUNQUEIRA, 2013).

Embora para a instituição heteronormativa da sequência sexo-gênero-sexualidade concorram diversos espaços sociais e institucionais, parece ser na

escola e na família onde se verificam seus momentos cruciais. Quantas vezes, na escola, presenciamos situações em que um aluno “muito delicado”, que parecia preferir brincar com as meninas, não jogava futebol, era alvo de brincadeiras, piadas, deboches e xingamentos? Quantas são as situações em que meninos se recusam a participar de brincadeiras consideradas femininas ou impedem a participação de meninas e de meninos considerados gays em atividades recreativas “masculinas”? (JUNQUEIRA, 2013, p 485).

Tais situações nos apresentam que tanto os alunos quanto a escola não estão preparados pedagogicamente para atender as demandas contra o preconceito e discriminação de gênero e sexualidade. Nesse contexto, buscamos a fala de Louro (2004, p. 57 – 87) ao considerar que,

Processos heteronormativos de construção de sujeitos masculinos obrigatoriamente heterossexuais se fazem acompanhar pela rejeição da feminilidade e da homossexualidade, por meio de atitudes, discursos e comportamentos, não raro, abertamente homofóbicos[...] Tais processos – pedagógicos e curriculares – produzem e alimentam a homofobia e a misoginia, especialmente entre meninos e rapazes. Para eles, o “outro” passa a ser principalmente as mulheres e os gays e, para merecerem suas identidades masculinas e heterossexuais, deverão dar mostras contínuas de terem exorcizado de si mesmos a feminilidade e a homossexualidade[...] Eles deverão se distanciar do mundo das meninas e ser cautelosos na expressão de intimidade com outros homens, conter a camaradagem e as manifestações de afeto, e somente se valer de gestos, comportamentos e ideias autorizados para o “macho”. À disposição deles estará um arsenal nada inofensivo de piadas e brincadeiras (machistas, misóginas, homofóbicas etc.) e, além disso, um repertório de linhas de ação de simulação, recalque, silenciamento e negação dos desejos “impróprios”. (LOURO, 2004, p 57 - 87)

Vale ressaltar que a escola enquanto professores e coordenação pedagógica não se sentem confortáveis em tratar desses assuntos em sala de aula, colocando o aluno vítima “afeminado” como “gay” sem o mesmo se auto afirmar como tal, ainda aliado a esse processo, há uma grande resistência dos professores em tratar dos assuntos como, gravidez na adolescência, aborto, racismo, gênero e sexualidade, mesmo que estes assuntos estejam dentro dos PCN’s.

“A pedagogia do armário é a fuga da maioria. Ora, o “armário”, esse processo de ocultação da posição de dissonância ou de dissidência em relação à matriz heterossexual, faz mais do que simplesmente regular a vida social de pessoas que se relacionam sexualmente com outras do mesmo gênero, submetendo-as ao segredo, ao silêncio e/ou expondo-as ao desprezo público” (JUNQUEIRA, 2013).

Segundo Junqueira (2013) em “frases como “Vira homem, moleque!”, tão comumente relatadas, além de pressupor uma única via natural de amadurecimento para os “garotos” (que supostamente devem se tornar “machos”), subjaz a ideia de um único modelo de masculinidade possível.

Como um prêmio que deve ser conquistado diariamente, onde o juiz é toda a sociedade. Para Butler (2003), “a teoria feminista que defende a identidade dada pelo gênero e não pelo sexo escondia a aproximação entre gênero e essência, entre gênero e substância. Aceitar o sexo como um dado natural e o gênero como um dado construído, determinado culturalmente, seria aceitar também que o gênero expressaria uma essência do sujeito. Ela defendeu que haveria nessa relação uma “unidade metafísica” e chamou essa relação de paradigma expressivo autêntico, “no qual se diz que um eu verdadeiro é simultâneo ou sucessivamente revelado no sexo, no gênero e no desejo”.

Junqueira (2013) ao pontuar que,

Valeria então ressaltar a existência plural, dinâmica, porosa e multifacetada de masculinidades e feminilidades. No entanto, ao percorrer as escolas, notamos facilmente a intensa generificação dos seus espaços e de suas práticas, e o quanto as fronteiras de gênero são obsessivas e binariamente demarcadas. Atividades, objetos, saberes, atitudes, espaços, jogos, cores, que poderiam ser indistintamente atribuídos a meninos e a meninas, tornam-se, arbitrária e binariamente, masculinos ou femininos. São generificados e transformados em elementos de distinção, classificação e hierarquização. A distribuição tende a ser binária e biunívoca, e os critérios podem ser improvisados e imediatamente assumidos como naturais. A criatividade é facilmente posta a serviço da heteronormatividade (JUNQUEIRA, 2013).

“A escola é um espaço onde o naturalizado e tido como incontornável pode ser confrontado por pedagogias dispostas a promover diálogos, releituras, reelaborações e modos de ser, ver, classificar e agir mais abertos e criativos. Um local onde podemos buscar inventar formas de conviver, ensinar, aprender, em favor da reinvenção e a dignificação da vida. A democracia e a educação de qualidade dependem disso “ (JUNQUEIRA, 2013). Pensamos que a nova reforma possa interferir no pequeno avanço que ocorreram nas últimas décadas. A escola sem partido poderá criar barreiras intransponíveis principalmente para as questões de gênero.

## **2.2 Auto afirmação da sexualidade na dança**

Para Nanni (2002), “o corpo se constitui de diversos fatores, que através da consciência corporal, aprendem e se relacionam consigo e com o mundo exterior. Quando falamos em processo ensino aprendizagem em dança, estamos relacionando os conteúdos teóricos e práticos previsto no PCN de artes. Conteúdos estes, que vão auxiliar os alunos a experimentarem, conhecerem e se reconhecerem consigo mesmo e com o meio exterior”.

A arte conecta o indivíduo ao seu eu interior, ao ambiente que o cerca, fazendo-os vivenciar e concretizar sua existência. Lima (2010) “relata que a arte é o resgate da própria personalidade, do contato do indivíduo com o seu lado mais humano através da expressão artística “o indivíduo se expressa e se torna capaz através da Arte que produz e que lhe devolve toda a sua potencialidade de viver e de se realizar plenamente”.

Ribeiro (1999) “relata que, atualmente, está se esboçando um movimento contra esta "sexografia" que decifra o sexo como segredo universal. Trata-se de fabricar outras formas de prazer, de relações, de coexistências, de laços, de amores. A autora ainda faz um paralelo ao dispositivo da sexualidade a qual Foucault aborda, para ela já existia antes da Modernidade. Parte do princípio de que a civilização implica regras sociais sem as quais se instala a barbárie, e a "regulamentação sexual" é essencial à organização da sociedade. Contudo, se esse dispositivo já se manifestava antes dessa Era, como ele explica, o que tornou o discurso tão evidente a partir dessa época? A "regulamentação sexual" teria sido levada ao extremo a ponto de se substituir o termo "regulamentação" por "repressão" sexual? O que determinou que, antes da Era Moderna, a sexualidade era "regulamentada" e, a partir dela, tornou-se "repressiva"?

Há ainda no Séc XXI muito desses discursos de não poder falar sobre sexo dentro das famílias, e ainda falar de sexo se referindo a sexualidade, como a mesma relação. Dentro das famílias contemporâneas existe um certo receio em falar da vivência sexual, a não ser em formato de puni-la.

Assis & Saraiva (2013) “apresentam um desprestígio na dança, causado pelas revoluções francesa e industrial (séculos XVIII e XIX), período relacionado ao pecado,

frouxidão moral e inimigo da vida espiritual; e o corpo, até então instrumento de prazer, passou a ser um instrumento de produção. ”

Assim como a discussão da sexualidade a dança também foi um tabu. Por muito tempo quem fazia dança era visto como pessoa da “vida fácil, mundana” pela sociedade, entretanto a dança é tão antiga quanto a sexualidade humana.

Hanna (1999) “destaca que as bailarinas eram uma fonte de excitação, e por vezes, satisfação sexual. A simples exibição das pernas no balé atraía a atenção de homens ricos, que se apaixonaram pelas belas bailarinas e suplicavam recompensas mais íntimas, e assim muitas bailarinas com menos destaque deixavam os palcos para se tornarem prostitutas”.

Nanni (2002) “percebe a utilização dos movimentos desde o nascimento do ser humano, pois é por meio deles que se pode visualizar suas necessidades, mas também seus sentimentos e emoções e a partir deste processo, entender gradativamente sobre si mesmo e o meio social em que vive. O processo criativo que se dá a partir da inserção da Dança/Educação num contexto de vida do ser, possibilita a liberdade e independência dos seus processos de emancipação e autonomia. Além disso, a forma como o corpo fala por meio da linguagem corporal, mais precisamente ao dançar, é múltipla, percebendo-se a possibilidade de viver a realidade, mas também interpretar o imaginário, onde o corpo real experimenta relações do imaginário com o simbólico”.

Logo, entender o processo de evolução do ser humano através do movimento é entender como essa unidade corporal como um todo. Para além dos movimentos naturais do ser humano, fazer dança é compreender não só o desenvolvimento dos órgãos, músculos, etc. mas, entender essa evolução cognitiva e emocional, assim como entender e vivenciar a sexualidade em sua plenitude. Esse autoconhecimento se dá pela experiência corpórea, dando uma certa emancipação também nas relações sexuais.

Lima (2010) “relata que o indivíduo compreende que através da dança o é capaz de demonstrar aquilo que ele pensa, que ele entende, ou seja, ele é capaz de demonstrar o seus conhecimentos e habilidades, de maneira mais transparente possível, ele se expõe por completo. ”

Sabe-se que os primeiros registros da dança são a partir dos rituais religiosos, onde se dançava para os seus deuses, onde o mesmos reverenciavam, agradeciam ou louvavam,

as graças da caça, da colheita, da fertilidade, entre outros. Para Nanni (2002) “o movimento corporal teve seu início embasado na emoção do ser, na expressão exteriorizada do seu eu e permitiu a ela, através de suas danças, a aproximação com seus deuses, produzindo a possibilidade da comunicação entre o homem consigo mesmo e homem com suas entidades. ” A autora acredita que “as danças têm sido para todos os povos e em todas as épocas da história as suas formas de manifestações, de expressões de suas características culturais, suas emoções e comunicações do ser, o estado de espírito e o intrínseco, traduzidos em gestos e movimentos, dançados ao som de músicas ou não, permeando o seu eu mais íntimo”. Lima (2010), “assinala, que, “historicamente, o homem utilizava-se da dança apenas para expressar sentimentos e agradecimentos”. Apesar de esse caráter persistir ainda hoje, outros aspectos foram incorporados a dança, contribuindo para o seu crescimento enquanto arte e educação.”

Assis e Saraiva (2013) indicam que, “muitas vezes, as artes tentam corroer esses rígidos papéis, e a dança, especificamente, oferece modelos de atitudes e comportamento de papel sexual, apresentando e conferindo poder a mensagens, simulações e revelações”. Os papéis sexuais, construídos social e culturalmente, quando transformados em dança, veículo crítico de comunicação e expressão, podem enriquecer o discurso sobre o feminino e o masculino.

Já Lima (2010), considera que, “atualmente existe uma melhor compreensão a respeito dos valores formativos e criativos da dança, que levam a uma ampliação das ações corporais”. A prática da dança tem se tornado um estilo alternativo nas práticas pedagógicas, por orientar o movimento corporal de cada aluno de forma a explorar sua capacidade de criação, estimulando o autoconhecimento e favorecendo para aprendizagem.

Entretanto a dança na escola não tem a finalidade de formar bailarinos, antes disso a mesma oferece subsídios aos alunos em relação às possibilidades de aprender e expressar-se através dos movimentos. Assim, é preciso impedir que o ensino da técnica impeça a criatividade e expressividade do indivíduo. Lima (2010) “os pensamentos, as necessidades e os sentimentos das pessoas, o que pode ocasionar-lhes uma falta de sentido para continuar dançando”.

Vargas (2009) “entende a dança como um benefício no processo de desenvolvimento e aprendizagem, trazendo a sua potencialidade a partir da exposição,

visto que as movimentações e os gestos, ao expressarem suas emoções, sentimento e ideias, partem de um propósito consciente e muitas vezes intencionam princípios presentes na sociedade. ” Portanto, acredita ser de suma importância o incentivo à prática, já que a partir dela é possível dar liberdade para que alunos e alunas desenvolvam sua criatividade.

Percebe-se que a dança é uma realização de algo que está anteriormente a mente, assim como acredita-se a sexualidade está sob o ser humano, antes mesmo do pensar, as percepções sexuais afloram junto com as percepções de mundo e de movimento.

Nesse contexto, Nanni (2002) “apresenta também a importância de se vivenciar esse tipo de prática, trazendo a questão da pele e do toque enquanto limitadores do meio. A autora afirma que estes cooperam na formação da personalidade e expõe que ao desenvolver tal limitação, o sujeito entende o que é e a sua relação com o objeto, a nível social e pessoal.” Entende o seu corpo como forma de comunicação e a sua sexualidade como forma de exposição de representação no meio.

Ainda para Nanni (2002, p. 22), “o corpo é ao mesmo tempo instrumento de manifestação (relação meio-ambiente) e, ao mesmo tempo, reflexo da estrutura social (contexto determina padrões) ”.

Assis e Saraiva (2013) “relatam diversos “desvios” de sexualidades na história da dança; Por exemplo, Marie Sallé (1707-1756), que manteve para o público uma imagem de pureza, apesar das desconfianças de que seria lésbica, foi uma das primeiras a abolir os incômodos trajés da época, como as perucas e sapatos altos. Marie Camargo (1710-1770) encurtou as saias e foi uma das primeiras bailarinas a dançar como homem e alcançar brilhantismo técnico, até então reservado aos bailarinos; Fanny Elssler (1810-1884) dançava com grande calor humano, e era considerada impetuosa e pagã, tendo inclusive partilhado favores com homens abastados. Uma característica em sua dança é que ela se valia de disfarce masculino de forma surpreendente quando o enredo assim o requeria. Com isso, o espetáculo ganhou contornos eróticos, o culto da bailarina atingiu grandes proporções e muitos papéis masculinos passam a ser frequentemente dançados pela bailarina”.

“Já com Vaslav Nijinsky (1890-1950), dá-se o retorno do bailarino aos palcos e o conseqüente reconhecimento do bailarino do gênero masculino. Nijinsky, que mantinha uma relação homossexual com Diaghilev, foi uma figura chave na reintrodução do balé



masculino do século XX, desenvolvendo representações de masculinidade que dominaram o balé e, até certo ponto, a dança moderna ao longo do século. Coreografando balés relacionados à sexualidade, gays e androginia, os papéis de Nijinsky. Muitas vezes, lhe permitiram expressar "sensualidade e sensibilidade (convencionalmente feminina) com extraordinária força e dinamismo (convencionalmente masculino)"; Nijinsky. Abertamente feminista, ela encenou papéis masculinos, mostrando-se versátil e adaptável, questionando os papéis sociais rígidos destinados às mulheres”.

Como apresentado por Assis e Saraiva, vários bailarinos e bailarinas ditos gays e lésbicas foram essenciais para a História da Dança, entretanto, pelo fato dos mesmos utilizarem a dança como meio de desconstrução de padrões alguns podem ter sido taxados com “desviantes” por suas formas de trabalho.

Ainda para Assis e Saraiva (2013) “o início do moderno na dança se deu com mulheres educadas e de personalidade forte, ao mesmo tempo em que programas de dança eram criados em universidades. Isso ajudou a dança a se tornar uma carreira mais respeitável, pelo menos para as mulheres, pois para os homens ainda era discutível”.

O preconceito com o homem que dança se torna maior com o advento das indústrias, pois o papel do homem nessa época era o advento da casa da esposa e dos filhos. Nanni (2002), diz que a relação entre o Estado e o meio se faz presente conduzindo o corpo a modelar-se ou limitar-se, deixando clara a dominação destes corpos numa sociedade que cria estereótipos de imagem corporal. Estes são delineados de acordo com o belo e suas caracterizações sexuais. Ainda de acordo com a autora supracitada, os corpos dos meninos e das meninas são distintos pois suas aptidões físicas, intelectuais e sensoriais se diferem, assim como os seus interesses e a forma de se relacionar. Contudo, as diferenças existentes entre os dois sexos na fase infantil não são significativas, pelo menos não como as existentes entre homens e mulheres adultos.

Nessa perspectiva, Lima (2010) “compreende que a dança permite ao indivíduo não só uma busca de sua personalidade, mas ensina-o a viver em sociedade, a se relacionar com o seu eu e com o próximo, de forma prazerosa e não como uma obrigação. ”

Contudo a relação corpo-sexualidade-dança, está intimamente ligado às relações de experiência do indivíduo com o mundo e com si mesmo. Essa experiência é vivenciada desde o nascimento, como as fases de desenvolvimento sexual do ser.

De acordo com Lima (2010), “percebemos que a dança na escola não é a arte do espetáculo, é educação por meio da arte. E tem suma importância para se alcançar os objetivos da Educação, um deles sendo o desenvolvimento do aspecto afetivo e social”. Deste modo, esta prática propicia ao aluno grandes mudanças internas e externas, no que se refere ao seu comportamento, na forma de se expressar e pensar. A dança na escola não deve priorizar a execução de movimentos corretos e perfeitos dentro de um padrão técnico imposto, gerando a competitividade entre os alunos. Deve partir do pressuposto de que o movimento é uma forma de expressão e comunicação do aluno, objetivando torná-lo um cidadão crítico, participativo e responsável, capaz de expressar-se em variadas linguagens, desenvolvendo a auto-expressão e aprendendo a pensar em termos de movimento.”

Se a sexualidade é parte integrada o corpo assim como a dança, porque tratá-los de forma dicotômica? A sexualidade é desenvolvida ao mesmo tempo que desenvolvemos nossas percepções sensoriais. Assim, a dança é fruto das experiências sensoriais e da forma como nos relacionamos com tudo à nossa volta.

Entende-se que a autoafirmação da sexualidade, está empregada a vários fatores, sociais, históricos e que estes podem se modificar dependendo da cultura a qual situação está inserida. Logo para o entendimento de si, o indivíduo deve estar ciente de suas escolhas, configuração familiar, escolar, religiosa etc. Não podemos tratar a sexualidade como fator desligado das instituições sociais, pois elas fazem grandes pressões como mencionado no capítulo anterior.

Nesta perspectiva a escola deve estar presente dando subsídios para as mais diversas experimentações. Lima (2010) “esta proposta se resume na busca de uma prática pedagógica mais coerente com a realidade escolar, onde a dança preparará o corpo e a mente dos alunos a fim de que se exercitem de acordo com suas necessidades, estimulando através dos movimentos espontâneos e a precisão do gesto, o processo ensino aprendizagem.”

Silveira & Toigo (2015), “dessa forma, pode-se perceber que a dança quando praticada, tem participação no desenvolvimento destes corpos, mas que estes e os meios são desiguais e que ambos sofrem constantes modificações.”

Hamilton (1999) “desmistifica alguns pontos ligados a essa temática, sendo um deles o de que os meninos que vierem a praticar a dança necessariamente se tornarão

homossexuais. O autor esclarece que já existem pesquisas que apresentam evidências de que o sujeito homossexual já se entende nesse contexto antes mesmo de praticar a atividade, processo reforçado muitas vezes pela família, que cria meios para impossibilitar que o filho dance. Ainda assim, explica que os *gays* ocupam 50% no espaço artístico da dança e que apenas 2% desses são mulheres, reafirmando um afastamento do corpo previamente identificado como masculino. Finalmente, o autor utiliza-se de resultados de estudos anteriores para afirmar que heterossexuais não se tornarão homossexuais uma que vez que a dança faça parte de suas vidas.”

Por conta da visão preconceituosa de muitas pessoas sobre o homem que dança, temos perdidos cada vez mais talentos para outras áreas do conhecimento, ou, até mesmo a apatia dos meninos nas aulas de dança, com receio de serem taxados como homossexuais, este mesmo medo não é compartilhado com as meninas lésbicas que praticam a dança.

Nanni (2002) “apresenta a dança como compatível ao homem e à mulher, pois em ambos os sexos está presente a criatividade e a virilidade externada, o ritmo intrínseco utilizado como forma de comunicação, a universalidade e a funcionalidade do movimento e as semelhanças entre as técnicas utilizadas. Contudo, entende que a conotação é responsável por definir a sexualidade nas funções interligadas à dança. A mesma autora aponta que no *Ballet Clássico*, por exemplo, a virilidade, os movimentos atléticos, os saltos e as baterias são características do bailarino ao passo que os movimentos graciosos, leves e o uso das pontas são efetivamente características da bailarina. ”

Andreoli (2010), “para os usos do seu corpo, que estão em constante tensão. Isso faz com que mesmo as representações hegemônicas de gênero não se manifestem em todas as modalidades de dança da mesma forma, e que, dependendo dos contextos sociais onde ela ocorre, até mesmo as condições sob as quais a hegemonia pode ser sustentada podem variar bastante. A dança pode ser entendida como uma dentre as várias instâncias culturais que “fabricam” homens e mulheres de determinados tipos, é preciso, a partir daí, analisarmos as formas pelas quais as identidades de gênero são construídas, para pensarmos nas diferentes possibilidades ou modos de subjetivação e singularização vivenciados por homens e mulheres nesse contexto. ”

Lima (2010) “para isso, a educação deve unificar corpo e mente, ensinando a pensar em termos de movimento para dominá-los, e não apenas se preocupar com o

domínio da escrita, do raciocínio lógico-abstrato e da linguagem. A expressão corporal como recurso da aprendizagem escolar, utiliza o corpo em movimento, estimulando a expressão de sentimentos e emoções que auxiliam na integração social. ”

Desta forma, o ambiente escolar deve ser sensível aos valores e vivências corporais dos indivíduos, permitindo que os exercícios, trabalhos, experimentações etc. sejam mais prazerosos, visto que a dança na escola, proporciona uma formação mais crítica e emancipatória politicamente falando.

Lima (2010) “é preciso que os conteúdos despertem o interesse dos alunos, visto que nem sempre a dança faz parte de sua realidade cultural. Muitas das vezes, ela é vista pelo aluno de forma preconceituosa. ”

Andreoli (2010) “Tal forma de análise em dança pode contribuir para pensarmos estratégias de intervenção pedagógica e de processos criativos em dança que, de alguma forma, possam modificar ou elidir os padrões culturais dominantes, uma vez que esses engendram e fundam hierarquizações e desigualdades sociais. Dessa forma, é possível pensar a dança não apenas como veículo de expressão individual e artística, mas também como uma prática que é social e política. ”

Assim, através da dança podemos introduzir nas escolas momento de reflexão, pesquisa, desconstrução das danças, e assim, podemos agir, criticar, corporalmente a dança e a sexualidade a ela empregada em função da compreensão e desconstrução e transformação de nossa sociedade.

Enfim, considerando que a dança deve estimular o indivíduo pela busca da autonomia e emancipação, as experiências em relação ao corpo dançante, deve portanto, fazer parte das práticas pedagógicas e sexuais do ser. Como afirma Lima (2010) “É importante reafirmar que combinar interesses e desafios corporais num ambiente integrativo entre a criança, emoções, pessoas e o mundo fazem da dança referencial para o aprendizado.”

### 3. METODOLOGIA

A metodologia é o caminho que o pesquisador deve seguir para atingir os objetivos da pesquisa. De acordo com Oliveira (2002) “a pesquisa é desdobrada a partir de seu processo. Partindo dos princípios desta pesquisa, norteadas pelo objetivo geral e específicos onde cada um estabelece um caminho a ser desenvolvido, onde, eles em conjunto serão executados na metodologia”, conforme o caráter e a abordagem. Oliveira (2002), “a pesquisa tem por finalidade estabelecer uma série de compreensões no sentido de descobrir respostas para as indagações e questões que existem em todos os ramos do conhecimento humano, envolvendo o mundo social”.

Para este trabalho buscou-se uma metodologia que entrelaçasse uma conversa com o contexto histórico, social e cultural, mediante a construção e vivência da sexualidade dos sujeitos desta pesquisa.

Para investigar, a partir das aulas de dança como os alunos do Ensino Médio percebem o processo de (re)conhecimento e autoafirmação da sua sexualidade, considerando o contexto histórico cultural. Considerou-se fundamental a pesquisa aplicada e de campo. Segundo Oliveira (2002) “a pesquisa aplicada requer determinadas teorias ou leis mais amplas como ponto de partida, e tem por objetivo pesquisar, comprovar ou rejeitar hipóteses sugeridas pelos modelos teóricos e fazer a sua aplicação às diferentes necessidades humanas”.

A pesquisa envolveu registros, análises e interpretação dos fenômenos recorrentes. Oliveira (2012) relata que “a pesquisa de campo consiste na observação dos fatos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados e no registro de variáveis presumivelmente para posteriores análises”.

O estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias (GIL, 2002).

Ainda conforme Oliveira (2002) “a pesquisa tem por finalidade tentar conhecer e explicar os fenômenos que ocorrem nas suas mais diferentes manifestações e maneira como se processam os seus aspectos estruturais e funcionais, a partir de uma série de interrogações”.

Sobre o caráter este trabalho segue uma linha fenomenológica, de caráter descritivo. A pesquisa descritiva se caracteriza por analisar e descrever o fenômeno apresentado, conforme apresenta Gil (2002) “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis. São inúmeros os estudos que podem ser classificados sob este título e uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática”.

Assim sendo esta pesquisa trata-se de uma abordagem metodológica qualitativa, onde pretendeu-se verificar como os processos históricos de construção dos conceitos ligados a sexualidade contribuem para a discriminação do gênero na dança, essa abordagem busca perceber como é vivenciada a sexualidade dos alunos nas aulas de dança, compreendendo como as aulas de dança contribuem para o processo de autoafirmação da sexualidade.

Nesse contexto, entende-se que a abordagem escolhida mostrou-se apropriada aos objetivos e objetos desta pesquisa. Segundo Oliveira (2002) “a pesquisa tem como objetivo as situações complexas ou estritamente particulares, por haver facilidade de poder descrever as complexidades de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experienciados por grupos sociais”.

Assim, durante o processo de inserção do pesquisador no lócus, enquanto entrevistador buscou-se primeiramente realizar uma relação, um vínculo entre pesquisador e sujeito, tendo em consideração que para a realização das entrevistas é necessário que o entrevistado se sinta a vontade de falar abertamente sobre sua vida privada em relação a vivência de sexualidade.

### 3.1 Sujeitos e Lócus da Pesquisa

Para realização da investigação o primeiro passo foi a seleção de uma escola de ensino médio da rede pública de ensino médio, na zona leste de Manaus, onde pudesse detectar diversas possibilidades de vivência de sexualidades, e foi onde encontrou-se o primeiro entrave desta pesquisa. A partir das aulas formais de Arte/dança, com o desenvolvimento dos conteúdos da disciplina, buscou-se instigar os alunos para um pensamento crítico reflexivo sobre o papel da arte e a forma com que ela vem sendo trabalhada nas escolas públicas.

Foi detectado no primeiro encontro com a direção da escola que a disciplina de arte era de competência de uma professora com formação em língua inglesa onde a mesma se divide em ensino das artes e língua inglesa na mesma escola. A sala era de característica mista em relação ao gênero, onde inicialmente foi detectado pelo menos um sujeito do gênero masculino heterossexual, um do gênero masculino homossexual, uma do gênero feminino heterossexual e uma do gênero feminino homossexual, indivíduos esses com o perfil desejado para esta pesquisa.

Participaram desta pesquisa alunos(as) da disciplina de artes do ensino médio de uma escola da rede pública estadual, Por se tratar de uma pesquisa com seres humanos, será adotada algumas medidas de segurança e padrão ético, como: a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os critérios de inclusão e exclusão dos participantes na mostra que integraram esta investigação foram:

#### **Inclusão:**

- Alunos no ensino médio da rede pública de ensino.
- Indivíduos do gênero masculino e feminino.
- Faixa etária acima de 18 anos.
- Indivíduos que afirmam sua sexualidade, independente de qual seja.

**Exclusão:**

- A não disposição em realizar a entrevista.
- Abaixo da faixa etária.
- Indivíduo que se recuse a assinar o TCLE
- Indivíduos não assíduos a aula de dança.
- Sujeitos que não afirmam sua sexualidade.

Na busca em entender o processo de (re)conhecimento e auto afirmação da sexualidade a partir das aulas de dança, encontramos na entrevista semi estruturada o caminho para esta pesquisa. Segundo Severino (2007) por meio da entrevista colhem-se as informações dos sujeitos a partir do seu discurso livre “O entrevistador mantém-se em escuta atenta, registrando todas as informações e só intervindo discretamente para, eventualmente, estimular o depoente. De preferência, deve praticar um diálogo descontraído, deixando o informante à vontade para expressar sem constrangimento suas representações”.

Importante ressaltar que todas as entrevistas foram realizadas de forma individual, e que os entrevistados foram preservados através do anonimato. Foi atribuído a letra “A” que indica “aluno (a)” acompanhado de números naturais e a letra “M” ou “F” indicando o gênero masculino ou feminino do sujeito.



#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No livro Teatro e dança na escola (2012) Ferreira & Falkembach relatam que “Na dança, lemos e pronunciamos o mundo, primeiramente por via dos movimentos do corpo. já deve estar claro que compreendemos a dança como linguagem, como um modo de expressão da vida. E, ainda, como uma linguagem artística”. Em relato A.F, 20 anos revela que “Eu não achava que dança era arte, para mim arte era pintar, desenhar, nunca tive aula de arte com dança, se mexer, sempre foi na sala sentada”. (entrevista,2018).

Consigno formar várias hipóteses que possam justificar esses discurso, vários governos não se importavam com as artes e muito menos o ensino da mesma ao longo da história. Durante o golpe militar várias obras e artistas foram censurados, perseguidos e mortos, por conta de sua arte. Por muitos anos a igreja não acolhia aqueles que dançavam, entretanto os primeiros registros da dança foi às dança ritualísticas. A.M.2, 18 anos, relata que: “Fui criado na igreja, minha família toda é católica, na minha igreja é normal ter dança, porém só tem meninas dançando, quando tem algum menino, certeza é gay!” (entrevista, 2018).

Ainda hoje encontramos muita resistência com a dança na escola, muitas vezes por conta de rapazes que não querem fazer as aulas, ou ainda por conta da religião, que muitas delas são protestantes. porém muitas delas reconhecem que a dança pode desenvolver várias partes dos indivíduos.

Ferreira & Falkembach (2012) “ao perceber o corpo como processo e unidade do organismo vivo, entende-se que é o corpo que conhece e que o desenvolvimento motor é fundamental para o desenvolvimento intelectual e emocional”.

Junqueira (2016) diz que “a observação e a análise do cotidiano escolar revelam situações situações e procedimentos pedagógicos e curriculares estritamente vinculados a processos sociais por meio dos quais se desdobra e aprofunda a produção de diferenças, distinções e clivagens sociais que, entre outras coisas, interferem na formação e na produção social do desempenho escolar”. Neste contexto, entendemos a fala de A.M, 18 anos que relata:

A discriminação na escola já começa pela direção e os professores que ficam tirando sarro dos meninos gays, e ainda ficam comentando besteiras pelos com outros alunos e com outros professores, Mas ao meu ver, eles são bem esforçados

e muito inteligentes, fazem muita coisa aqui na escola, sempre promovem festas, passeios etc. (entrevista,2018)

Vários alunos gays ou lésbicas acabam se destacando dentro das escolas, não apenas pelos estudos, porém esse fenômeno pode ser entendido de outro ponto, quando a escola acaba gerando pessoas super compromissadas para tentar corrigir com o esforço a ideia de “desculpas” por não estar dentro do “padrão”. Para Junqueira (2012) “dentro e fora de sala de aula, em atividades formais ou informais, compõem rede de poderes, controle e vigilância, promovem a gestão das fronteiras da (hetero)normalidade e, por atuarem na produção e de classificações, hierarquizações, privilégios, estigmatização, marginalização, comprometem o direito à educação de qualidade e conduzem ao exercício da cidadania mutilada”. Revelando esse preconceito, A.M (24 anos) assinala um breve relato que, “Teve uma vez que a professor disse para mim vim para a escola, com roupas de homem, porque eu parecia uma mulherzinha e os meninos iam bagunçar comigo. (entrevista,2018)

Ao adentrar no ambiente escolar por meio para a realização da primeira fase desta pesquisa me deparei com diversas situações inusitadas referentes a hierarquização, poder, marginalização, entre outras situações corriqueiras e diárias do ambiente escolar.

Observei mais de perto alguns alunos gays e lésbicas, seus comportamentos, como são tratados pelos gestores, professores, alunos assim como a comunidade em geral, e como eles mesmo se veem aquele ambiente. Pude perceber duas situações através da observação que chamaram minha atenção em alguns estudantes auto afirmados LGBTs - Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais.

Na primeira situação, alguns alunos nas aulas de artes/dança são alunos/as esforçados e bastante atuante nesta disciplina, porém nas demais disciplinas como português, história, ciências, esses mesmos alunos LGBT são os estudantes que ficam mais quietos sem interagir.

Já na segunda os estudantes LGBT, são os indivíduos chamados de “famosinhos” na escola, sujeitos bem conhecidos dentro e fora da escola, pelo seu bom desempenho nas atividades, provas, interação, relação, representação estudantil etc. Entretanto em ambas as situações os estudantes autodeclarado LGBT, sofrem com diversas “brincadeirinhas” e ainda não são aceitos com os meninos heterossexuais. Em relato, A.M (18 anos) reitera

que, “Os meninos evitam andar com os gay, ele pode até ser um amigo legal, mas eles evitam andar, porque quando os outros menino veem vão chamá-lo de gay também”. (entrevista,2018).

Quando um aluno é abertamente gay e principalmente quando sua identidade e gênero é feminina, os rapazes tendem a fazer muito mais “brincadeiras” com eles, como forma de ridicularizá-los, conforme Junqueira (2012) “a homofobia e o heterossexismo de forma a instaura um regime de controle e vigilância da sexualidade”.

Vale ressaltar que o objetivo desta investigação não é a relação da dança com o preconceito, entretanto dentro das entrevistas foi muito recorrente quando se falava do corpo que dança os entrevistados fazer a ligação com a homossexualidade. Este trabalho não definiu uma sexualidade para se aprofundar e sim entender as formas com que se dá a auto afirmação das diversas possibilidades de sexualidades através do ensino formal da dança.

Como falado anteriormente o ensino das artes da escola não tem o caráter de forma artistas, e sim pessoas que possam refletir sobre a sociedade o que o nele existe. trabalhando formas e formatos para de análises, e de como combater as injustiças sociais.

Ferreira & Falkembach (2012) “uma aula de dança, uma experiência de dança (e de educação), pode ser o resultado tanto de uma visão que busca construir corpos dóceis e moldáveis pelo capitalismo consumista com uma visão que busca corpos que transgridam e construam outras ideias e formas de mundo”. Assim a arte da dança buscar construir e desconstruir corpos e conceitos de normalidades, regulamentação, a dança busca desconfigurar e configurar ao mesmo tempo o corpo e a ideia de corpo que está no senso comum.

Aos entrevistados quando perguntados se estudar dança influencia na afirmação de sua sexualidade, todos acreditam não haver relação nesse contexto. A.F, 20 anos, diz que:

O ensino da dança não influencia na afirmação da sexualidade de ninguém, A sexualidade é algo que já é da pessoa, e a gente percebe se gosta de homem ou de mulher antes da adolescência. Agora o conhecimento e o reconhecimento sim, por que a partir das aulas de dança podemos parar mais para olhar o corpo, como o professor mesmo disse, temos que nos perceber, as limitações do corpo (entrevista,2018).

Nas aulas de dança, os meninos heterossexuais, que por algum motivo se sentem desconfortáveis com as aulas de dança na escola, momento esse que fere o ego, ou que chega a fragilizar a sexualidade construída historicamente como única e imutáveis perpetuadas tradicionalmente.

Ferreira & Falkembach (2012) aponta que o “corpo é a unidade do organismo vivo. Unidade porque o organismo entendido sem as dicotomias corpo-mente, razão-sentimento. ainda, corpo, significa algo que é parte interdependente do processo evolutivo da natureza e da cultura, inserido no campo cultural e historicamente datado e constituído por técnicas formativas. Por esse ponto de vista, o que é processo (de cognição e de produção) o qual se constitui na complexa rede de trocas de informações, de relações dinâmicas entre o sujeito com o meio e com outros sujeitos”

Em meio a tantos questionamentos e fenômenos empregados a dança e a sexualidade e es especial a subjetividade do sujeito. Gostaria de ressaltar que os assuntos retratados aqui não devem ser tidas como formas únicas e imutáveis, principalmente por estamos falando de diversas possibilidades de identidades de gênero e sexualidade assim com as diversas possibilidade de se fazer dança na escola, no entendimento de dança como uma linguagem subjetiva do corpo.

Quando questionados sobre como eles veem o ensino formal de artes, os mesmos talvez devido estarem com idades próximos, devem ter vivenciado experiências parecidas, para todos, o ensino de arte até este ano, era ligado às artes plásticas, como afirma A.F, (20 anos):

Sempre tive aula de artes, eu gosto, é bem informativo, faz a gente falar, eu queria ser artista, eu tinha muita evolução para desenhar pessoas, cabeças, rostos, hoje eu desisti de tudo. Pra mim naquela época arte era desenho essas coisas, nao sabia que tinha dança e teatro. Quase nunca participei muito, mas sempre gostei de dançar (entrevista/2018)

Para A.M, (18 anos): “Em artes eu estudei apenas sobre as tintas” (entrevista,2018).

Quando o ensino de arte for de qualidade e realizado por um profissional da área da educação artística as experiências serão muito mais vivenciadas e produtivas para todos. A.M, (18 anos): afirma que:

Depois da experiência com dança na escola, na matéria de artes, comecei a gostar de dançar, e a me interessar para pesquisar mais. O ensino da arte é bom,

aprendemos bastante coisas, quando percebemos que o professor está envolvido também, que estimula a gente (entrevista,2018).

Conforme Ferreira & Falkembach (2012) “quando se entende que a arte é uma linguagem, com regras e lógicas próprias e, portanto, seus próprios critérios, organização e formas passa-se a compreender que a dança não é só instintiva, mas que tem muito racional. Considera-se, aqui, que a dança é fundamental para a educação do indivíduo e que, portanto deve estar à escola, bem como se faz parte do campo artístico: dança como espaço de educação estética: como possibilidade de expressão e de leitura do mundo, como espaço de ampliação do autoconhecimento da relação do indivíduo com os outros e com o mundo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que os resultados desta pesquisa atingirá diretamente a prática docente em artes, assim como as práticas de relação social igualitária, sem distinção de raça, gênero, orientação sexual e crença. É entendido nesta investigação que quando se fala sobre sexualidade, não temos como fugir de outras relações como as de poder e hierarquia que estão ligados ao ambiente escolar, como as questões étnicas, sociais e os estudos de gêneros. Logo, isso se transfigura em discursos pertinentes deste século e que está implicitamente ligado ao ato de ensinar e aprender, portanto este trabalho se faz importante na medida em que o mesmo buscou dialogar sobre as relações sociais ligados a sexualidade no ambiente escolar por meio da prática da dança, fazendo com que os educandos possam ter um olhar crítico, reflexivo e sensível nestes diálogos que podem se materializar em boas relações de convivência e respeito às diversidades na escola.

Desde o início desta investigação o pesquisador se mostrou inquieto com relação a hegemonia dos sistemas dominantes impostos à sociedade. As normatizações que se dar ao corpo e as formas reguladoras de usá-lo, Esta pesquisa apresentou situações ligadas ao cotidiano escolar, entretanto não podemos tratar o aluno como um sujeito apenas dentro da escola, devemos entender que ele é carregado de emoções, sensações etc, devemos demonstrar respeito pelo que já foi vivenciado e experimentado antes das aulas de arte. Conclui-se a partir dos sujeitos e da metodologia escolhida, o ensino formal da dança na escola, não influencia na afirmação da sexualidade, pois entende-se que a sexualidade é vivenciada a partir da puberdade, quando o indivíduo passa a ter atração sexual afetiva por indivíduos do mesmo gênero ou do gênero oposto.

Entretanto quando se fala da relação do (re) conhecimento esta pesquisa conclui-se que os as aulas de dança auxiliam na aquisição do conhecimento sobre sexualidade, a partir da autonomia que o indivíduo tem sobre o seu corpo no sentido de compreender as suas vontades e limitações. A autonomia do corpo dá através da emancipação do sujeito através do conhecimento sobre si e sobre o mundo.

Entendemos ser mais necessário o aprofundamento das questões aqui abordadas, assim como a formação dos docentes que para uma didática mais inclusiva, acolhedora e humanizante, para com todos os indivíduos dentro e fora do ambiente escola. Vale frisar que as questões aqui abordadas, não são vistas como únicas e imutável, pois entendemos

que os caminhos e sujeitos escolhidos, estiveram em constantes mudanças até a coleta dos dados.

## 6. REFERÊNCIAS

- ABREU, Jeanne Chaves de. **Dor e prazer no entrelaçamento dos corpos**. Ed. All Print, São Paulo/SP, 2015.
- ANDREOLI, Giuliano, S. **Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural**. v. 15, n. 1, Conjectura, jan./abr. 2010
- ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia, in história das mulheres no Brasil**. 9.ed.São Paulo: Contexto, 2010.
- ASSIS, Marília. SARAIVA, Maria. **O feminino e o masculino na dança: das origens do balé à contemporaneidade**. V. 19, n . 02, p. 303 – 323. Movimento. Porto Alegre. 2013.
- BUTLER, Judith. **Cuerpos que importam**. Buenos Aires: Paidós, 2002.
- BUTLER, Judith. **Fundamentos Contingentes: O feminismo e a questão do pos modernismo**. University of California at Berkeley.Feminismo(s) Contemporâneo(s).1998.
- BUTLER, Judith. **How Bodies Come to matter: na interview eith Judith Butler. 1998. (in)PRINS, B. MEIJER, I. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler**. Estudos Feministas. Ponto de vista. 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CAMARGO, A. MARGUELA, M. **Cotidiano escolar**. Piracicaba: Jacintha, 2007.
- DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- FERREIRA, Tais. FALKEMBACH, M,F. **Teatro e dança nos anos iniciais**. Mediação. Porto Alegre, 2012.
- FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: **A vontade de saber**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 2011.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 40. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.



- GIL, Antonio, C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. Atlas. São Paulo. 2002.
- HAMILTON, L. **Coming out in dance: paths tounderstanding**, Dance Magazine. 73(2), 72-75. 1999.
- HANNA, Judith Lynne. **Dança, sexo e gênero: signos de identidade, dominação, desafio e desejo**. Tradução Mauro Gama. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- JESUS, Jaqueline, G. **Orientações sobre identidades de gênero: conceitos e termos**. 2.ed. Brasília. 2012.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Introdução. Homofobia na escola: um problema de todos. in: \_\_\_\_\_ (Org.). Diversidade sexual na educação**. Brasília: MEC, UNESCO, 2009.
- JUNQUEIRA. **Pedagogia do armário: A normatividade em ação**. Revista retratos da escola, Brasília, v7, n 13, p 481-498, jul/dez, 2013.
- LIMA, L. **A importância da dança para o processo ensino aprendizagem**. Disponível em: [monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-danca-no-processo-ensino-aprendizagem.htm](http://monografias.brasilecola.uol.com.br/educacao/a-importancia-danca-no-processo-ensino-aprendizagem.htm). Acesso em: 24 de novembro de 2018.
- LOURO, G. **O corpo educado**, Belo Horizonte. Autêntica, 1999.
- LOURO. Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- LOURO. Guacira Lopes. **Heteronormatividade e homofobia. In R. Junqueira (Org), Diversidade sexual na educação**. Brasília: MEC, Unesco, 2009.
- MEYER, Dagmar. SOARES, Rosângela. **Corpo, gênero e sexualidade**, 2ed. Editora mediação, Porto Alegre, 2008.
- Nanni, D. **Dança educação: princípios, métodos e técnicas**. (4ª ed.) Rio de Janeiro: Sprint. 2002.
- OLIVEIRA, Sílvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: Projetos de pesquisa, TGT, TCC, monografias, dissertações e teses**. São Paulo: Editora Pioneira 2002.
- RIBEIRO, M.O. **A sexualidade segundo Michel Foucault: uma contribuição para a enfermagem**. Rev.Esc.Enf.USP., v. 33, n. 4, p. 358-63, dez. 1999.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Revista Educação e Realidade, Porto Alegre: UFRGS, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEVERINO, Antônio. **Metodologia do trabalho científico**, 23.ed. ver. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Matheus, C. TOIGO, Adriana, M. **O papel da dança na sexualidade de praticantes do sexo masculino.** Revista Digital. Buenos Aires, Año 20, Nº 210, Noviembre de 2015

Vargas, L.A.M. **Escola em dança: movimento, expressão e arte.** (2ª ed.) Porto Alegre: Mediação. 2009.

WARNER, M. **Fear of a querr planet.** Minneapolis: University of Minnesota, 1993.

## 7. ANEXOS

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O (a) Sr (a) está sendo convidado (a) a participar desta Pesquisa “Dança, escola e sexualidade: uma perspectiva de adolescentes e jovens do ensino médio em busca do (re) conhecimento e auto afirmação”, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) Fran Walafe dos Santos Martins, porque tem o perfil e preenche os critérios para, na condição de sujeito, possa participar. Esclarecemos que sujeito da pesquisa é a expressão dada a todo ser humano que, de livre e espontânea vontade e após ser devidamente esclarecido, concorda em participar de investigações científicas fornecendo informações.

Os sujeitos serão entrevistados e informados através de contatos pessoais pela própria pesquisadora das datas e horários, assim como dos locais como comodidade e segurança e de comum acordo com o entrevistado para a coleta das informações.

Esta pesquisa pretende estudar os fatores empregados ao processo de aprendizagem na dança que possa interferir na auto afirmação da sexualidade.

O (a) Sr. (a) será Submetido (a) a uma entrevista com o objetivo de fornecer informações para o melhor entendimento do assunto em questão, e terá toda autonomia para participar ou não na pesquisa, também, terá liberdade integral para se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízo de qualquer natureza. Tanto sua pessoa quanto os dados fornecidos serão mantidos sob absoluta confidencialidade e, portanto, ninguém mais terá conhecimento sobre sua participação. Vale esclarecer que esta pesquisa não apresenta risco de qualquer natureza para a qualidade de vida dos sujeitos investigados. Informamos também que sua decisão de participar do estudo não está de maneira alguma associada a qualquer tipo de recompensa financeira ou em outra espécie.

Esclarecemos que a (o) } Sr.(a) receberá uma cópia deste documento e de outros que se fizerem necessários para que as informações estejam sempre à mão, outrossim deixo aqui meu endereço e meus contatos para que a qualquer momento que necessitem de orientação ou informação sobre o preenchimento deste.

Para qualquer outra informação, o (a) Sr (a) poderá entrar em contato com o pesquisador no endereço: Av Cosme Ferreira, 7746 – Zumbi dos Palmares 2, pelo telefone (92) 99331-0231, ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UEA. Para quaisquer informações, fica disponibilizado o endereço do CEP da Universidade do Estado do Amazonas à Av. Leonardo Malcher, 1728 - Escola Superior de Artes e Turismo- Praça 14, CEP 69010-170, Fone 3878-4415, Manaus-AM.

#### CONSENTIMENTO

Eu, \_\_\_\_\_, li e tomei conhecimento, entendi os aspectos da pesquisa e, voluntariamente, concordo em participar do estudo, fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, eu concordo em participar do projeto, cedendo as informações disponibilizadas na entrevista sem que nada haja de ser reclamado a título de direitos conexos ao som de minha voz, nome e dados biográficos revelados, além de todo e qualquer material e documentos por mim apresentados. Estou ciente de que não vou ganhar nada e que posso sair antes ou depois da coleta de dados. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante

Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do Pesquisador Responsável